

A CONVIVÊNCIA ENTRE O LATIM VULGAR E O LITERÁRIO

Catiane Mortari ©

RESUMO

Este artigo objetiva refletir sobre a convivência entre o latim vulgar e o latim literário. Sabe-se que as línguas românicas provêm do latim vulgar e que, para caracterizá-lo, é prático e persuasivo compará-lo com o latim literário.

PALAVRAS-CHAVE: latim vulgar, convivência, latim literário

INTRODUÇÃO

Visando estudar as relações existentes entre o latim vulgar e o latim literário, esta pesquisa centra-se na análise dessa convivência, tendo como alicerce alguns fundamentos de Silva Neto (1957), Basseto (2001), entre outros autores que aparecerão no decorrer deste artigo.

Segundo Silva Neto (1957), o latim vulgar deve ser compreendido como substrato das línguas românicas e ser definido como a língua das classes médias da população. Essa língua difere daquela empregada pela sociedade culta, pelos habitantes rural ou dos mais baixos quarteirões da cidade, embora sofra influência de todos os lados.

O autor salienta também que a única espécie de língua que realmente existe é a falada. A língua culta, literária é artificialização dessa matéria prima e o seu aparecimento se compara à justaposição de uma camada de gelo na superfície dos rios. A língua falada recebe deles a substância e, afinal de contas, nada mais é senão a própria água.

Já o latim literário consiste numa série de estilizações, de gostos pessoais e interpretações estéticas. Segundo Basseto (2001), o termo "latim" não é unívoco, pois

existem numerosas variações em relação a ele.

Para saber como essa variedade do latim foi levada a todos os recantos do Império românico, é preciso considerar que o latim era apenas o dialeto de Roma, restrito à margem do rio Tigre. Como língua de camponeses e pastores, era rude, concreta e sem refinamento de qualquer espécie; pertencia à família indo-européia, do grupo Kentum.

Com o domínio de Roma sobre Itália, desde a Sicília até a planície do rio Pó, criam-se as primeiras colônias romanas, importante fator de latinização da própria península. Assim, todo o território da Itália faz parte da confederação romana e, devido a isso, todos os povos se submetem ao direito romano, pagando impostos e se obrigando ao serviço militar.

Dentro desse vasto território de domínio romano, o latim era a língua dos dominadores. Os contatos com idiomas diversos influenciou o latim, principalmente quanto ao léxico da variedade lingüística denominada latim vulgar, falada pelo povo. O aumento da riqueza, adivinda das conquistas, o crescimento populacional de Roma e o desenvolvimento da cultura também se refletiram no latim, diversificando-o em diversas normas lingüísticas.

Outro fator de influência na língua advém das primeiras conquistas, quando os romanos costumavam destruir as cidades e levar seus habitantes para Roma, ocasionando uma diferença social entre a classe mais alta dos patrícios, oficiais militares e a mais baixa, a plebe. Essa diferença acentua-se ainda mais por volta

do século IV, com um crescente refinamento cultural das classes altas. Criam-se, então, duas normas lingüísticas: o sermo urbanus, a língua falada pelas classes cultas de Roma (os falantes dessa norma eram também os principais detentores da norma literária); e o sermo plebeius, língua falada pela massa popular menos favorecida, analfabeta, na qual se distinguem o sermo rusticus (fala descuidada dos camponeses pastores); o sermo castrensis (do importante segmento militar); e o sermo peregrinus (usados pelos estrangeiros em geral).

1 O latim vulgar e o literário

Segundo Basseto (idem), o latim vulgar tem mera coincidência com o latim literário, e a fonte mais segura para o conhecimento do latim vulgar é o conjunto das línguas românicas. A partir disso, o autor apresenta algumas características que os correlacionam. Na fonética: a perda da quantidade vocálica e sua substituição pelo acento intensivo trouxeram uma conseqüência, a redução das dez vogais (as cinco longas e as cinco breves) a sete, seis ou cinco apenas, segundo as diversas regiões da România, com específicas evoluções posteriores. Na morfologia: as sutis e pouco claras distinções flexionais das declinações foram reduzidas; as semelhanças fizeram com que a 2ª declinação absorvesse a 4ª, que acabou desaparecendo; a 5ª declinação detinha um número relativamente pequeno de palavras e se confundia facilmente com a 3ª ou teve a flexão -ie substituída por -ia e incorporada à 1ª. Dessa mudança existem muitos exemplos: como *materies* e *matéria*, *dies* e *dia*, variações encontradas no uso vulgar desde época antiga. Em conseqüência dessa simplificação em vários níveis lingüísticos, uma parte das línguas românicas herdou a distribuição do léxico nominal em três grupos, decorrentes das

três “declinações” do latim vulgar. No português, por exemplo, há a 1ª declinação com nomes em -a (*mensa-mesa*), a 2ª com nomes em -o (*libru-livro*) e a 3ª com nomes em -e ou consoante (*imagine-imagem*). Quanto aos numerais, o latim vulgar conhece apenas os cardinais, com os quais expressa todas as relações de número. Dos outros três tipos, ordinais: *primus, sextus*; distributivos: *singuli, viceni*; multiplicativos: *semel, secies*.

O gênero neutro, herança do indo-europeu, não se distinguia semanticamente do masculino e a diferenciação formal era muito pequena. Assim, os neutros singulares passaram para o masculino, eliminando-se um problema antigo de palavras de gênero flutuante, como *aevus* e *aevum* (época), *collus* e *collum* (pescoço). Os plurais neutros da 2ª declinação em -a foram considerados nominativo singular da 1ª, como em *folia, ligna*. O gênero neutro entre as línguas românicas só se encontra no romeno e em escassos vestígios em outras.

Nos pronomes demonstrativos e indefinidos, ocorreram simplificações: dos seis demonstrativos (*is, hic, iste, ille, ispe, e idem*), permaneceram apenas três (*iste, ipse, ille*). Quanto aos pronomes indefinidos, as distinções tênues não podiam se manter e muitos foram eliminados; perdeu-se a distinção entre *alteri* e *alius, uter* e *quis, uterque* e *quisque*.

Na sintaxe, o latim vulgar não faz mais as distinções entre *nom* e *ne* nas negações, generalizando o *nom*; o uso da preposição *de* generalizou-se e substituiu *ab* e *ex*, de difícil distinção sob o aspecto semântico. A maior simplicidade na sintaxe verifica-se na ordem das palavras na oração e na construção do período; até certo ponto conseqüência da perda dos casos e das declinações.

Quanto ao aspecto: o latim vulgar era mais analítico. O latim era uma língua

essencialmente rica em recursos flexionais, com os quais expressava muitas funções e relações entre os termos da oração; esse sistema flexional foi dando lugar a torneios analíticos. A perda sempre crescente das flexões no latim vulgar tornou-o mais analítico pelo uso de preposições, advérbios, pronomes e verbos auxiliares para expressar funções e relações entre os termos.

Quanto ao adjetivo, o latim literário expressava o comparativo de superioridade e o superlativo dos adjetivos por sufixos próprios em formas sintéticas: *altus-altior* (alto-mais alto) e *altissimus*. Em casos especiais, como com os adjetivos em *-eus*, *-ius* e *-uus* (*magis idoneus*, *magis dubius* e *magis arduus*) ou por motivos estilísticos, o latim literário lançava mão das formas analíticas como *magis* ou *máxime*.

Nesse aspecto, o latim vulgar simplificou o sistema, usando sempre a forma analítica no comparativo de superioridade, certamente influenciado analogicamente pelo de igualdade e de inferioridade (*tanquam* e *minus-quam*), e formando o superlativo analiticamente com advérbios de intensidade (*valde*, *maxime*). Certo número de comparativos sintéticos foi conservado nas línguas românicas, provenientes de *maior*, *minor*, *melior*, *peior*.

Segundo Ilari (1997), todas as línguas apresentam uma variação vertical – estratificação da sociedade em classes; e uma horizontal – diferenças geográficas. Os falantes se expressam de maneiras diferentes conforme o grau de formalidade da situação de fala.

Acredita-se que o latim, como língua de uma sociedade que evolui e se torna complexa, não poderia escapar a essa regra, pois seria normal apresentar diferentes socioletos, já que a sociedade romana foi por muito tempo estratificada em patrícios, plebeus e escravos. Seria natural também

que o latim apresentasse diferentes variedades geográficas, pois teve que se impor a outras línguas com estrutura às vezes muito próxima.

A sociedade romana torna-se cada vez mais complexa, e ocorre um processo de diversificação nessa sociedade, que é o aparecimento da literatura latina. Os autores latinos procuraram pautar seus escritos pelo ideal da urbanista, evitando formas ou expressões que conotassem arcaísmo ou provincianismo, ou que lembrassem a educação precária das classes subalternas e do campo (*rusticitas*). Essa variedade do latim é conhecida como latim clássico ou literário, bem representadas nas obras de autores como Cícero e Vírgilio.

Não se deve esquecer que o latim clássico é apenas uma das variedades do latim, ligada à criação de uma literatura aristocrática e artificial, que teve seu apogeu no final de República. Portanto, as línguas Românicas não derivam do latim clássico, e sim das variedades populares, isto é, do latim vulgar.

Diez (*apud* Ilari, 1997) reflete sobre o que é exatamente esse latim vulgar. Diz que a palavra “vulgar” admite três interpretações distintas acerca do proto-romance (ponto de partida para a formação das línguas românicas). A primeira delas é a interpretação de “vulgar” no sentido de “corriqueiro”, “banal”, sem conotações pejorativas; nesse sentido, o latim vulgar aparece como a língua que várias camadas da população romana falaram e escreveram em situações informais. A Segunda toma “vulgar” com o sentido de pejorativo, de “baixo”; aqui o latim vulgar seria a expressão própria das camadas populares mais humildes da sociedade romana. A terceira interpreta “vulgar” em conexão com “vulgarismo”, usado em expressões que julgam condenáveis por suas

conotações populares, provincianas ou arcaizantes.

O primeiro enfoque aplicado ao proto-romance é equivocados. Existiu um latim coloquial falado pela aristocracia, que deveria ser a base da linguagem da literatura, segundo os gramáticos e escritores romenos. Essa era uma exigência de caráter conservador, pois o objetivo era evitar que a língua literária se afastasse de seu suporte tradicional e não se aproximasse do proto-romance.

Conforme o segundo enfoque, há argumentos para crer que o proto-romance foi uma língua popular. Maurer (1962) apresenta motivos que comprovam o fato. Salienta que o caráter popular do proto-romance se confirma devido a alguns aspectos. Um deles é demonstrado pelos autores latinos que fizeram pesar uma severa sanção em uma variedade de língua denominada *rusticitas*, *peregrinitas*; impedindo que as formas tivessem acesso à escrita. Tanto a gramática, quanto o vocabulário do proto-romance apresentam esses elementos que os escritores latinos discriminavam por sua natureza popular. Na latinização da România, o elemento plebeu foi preponderante, pois a língua levada a România foi marcadamente popular.

Há características estruturais no proto-romance que o identificam como língua popular. A estrutura do proto-romance é mais simples que a do latim culto, pois apresenta menor número de declinações e de numerais, apresenta também redução de demonstrativos e indefinidos, e se empregam poucas declinações. Além disso, o proto-romance recorre a expressões analíticas das funções e relações sintáticas e recorre a formas concretas e expressivas, além de ter pouca resistência a termos exóticos. Como se vê, o proto-romance foi uma língua vulgar no sentido de língua

popular, expressão de camadas sociais que não tiveram acesso à cultura formal e escrita.

O terceiro enfoque trata da relação latim vulgar/vulgarismos. Essa relação não chega a representar uma língua, pois uma língua é muito mais que um catálogo de "erros". Deixa clara, porém, que a variedade culta e o latim vulgar (proto-romance) conviveu num mesmo espaço sociolinguístico, em que suas semelhanças estruturais permitiam interferência, sendo vistas com "erros". Nesse sentido, os "vulgarismos" seriam encarados como ameaça à pureza, da língua literária. Muitos equívocos foram estabelecidos a partir dessa "convivência" entre latim vulgar/vulgarismos. Alguns autores entenderam que o latim vulgar teria surgido da "corrupção" do latim literário, mas essa hipótese é insustentável, porque o latim vulgar se constituiu ao mesmo tempo que o latim clássico, e já estava formado quando o latim clássico atingiu seu apogeu. Alguns aspectos podem tornar relevante a antiguidade do latim vulgar: difusão de um grande número de fenômenos vulgares em toda a România; presença de fenômenos vulgares em fontes escritas do final da República, em autores da fase antiga (Plauto); presença de arcaísmos na língua vulgar.

Outro equívoco advindo dessa relação é a confusão entre latim clássico e latim vulgar com escrito e falado, respectivamente. Veja que o latim vulgar aparece nos textos escritos. Mas o fato de que o latim literário foi uma língua falada e teve suporte direto na expressão coloquial da aristocracia não é verdadeiro.

Finalmente, o que se deve considerar quanto a essa convivência é que duas variedades refletem duas culturas diferentes: de um lado, uma sociedade fechada, conservadora e aristocrática; de

outro, uma classe social aberta a todas as influências. Segundo Ilari (1997), a grande diferença entre o latim vulgar e o latim literário se deve ao fato de que, com o passar do tempo, o latim literário aparecia como língua estável, e o latim vulgar inovava-se constantemente. O latim literário permanecia estável como língua escrita e falada de todas as situações formais, ao passo que o latim vulgar derivava variedades regionais, isto é, romances (falado), que assumiam todas as funções do latim literário, num processo longo, cheio de influências recíprocas.

O autor relata ainda que um dos motivos que faz com que o latim vulgar se sobressaia ao latim literário é o número elevado de vulgarismos na língua da literatura, e de certas inovações românicas que suportam uma influência clássica – futuros românicos (*cantarei, cantaré, chanterai*).

Maurer (1962) fez um estudo sobre o léxico do latim vulgar e constatou que seria considerável se essa descrição fosse feita em duas partes. A primeira seria como se deu o processo de formação de palavras novas; essa parte teria um caráter morfológico, devido a discussões sobre as noções de composição e derivação. A segunda trataria da mudança de sentido, apontando algumas tendências que caracterizam o uso vulgar do vocabulário em latim, dentro de um caráter semântico, pois a semântica é a ciência que estuda o significado e a mudança das palavras ao longo dos anos.

Sabe-se que, quanto ao processo de formação de palavras novas, é preciso levar em consideração algumas noções de composição e derivação. A composição compreende a prefixação, sufixação e a derivação. A prefixação é particularmente ativa no latim literário; no latim vulgar, só é ativa em alguns pré-verbos: *ad-*, *dis-*, *ex-*, *re-*, pois muitos desses pré-verbos entram

na formação “parassintética” (pref+rad+suf como em *ad+mort+ire*); ao contrário do latim clássico, que apresenta uma clara noção de lugar ou repetição, com prefixos que são uma espécie de intensificação.

É ainda Ilari (1997) que lembra que o latim vulgar e o literário podem discordar quanto à fonética de alguns verbos e substantivos formados por prefixação. Vejamos essa questão a partir dos exemplos. No latim literário: *de+facere=deficere* (houve uma alteração na vogal interna do verbo); no latim vulgar: *disfacere=it. disfare, fr. défaire* (houve alteração na forma do verbo); já a sufixação, tanto no latim literário como no vulgar, parece ter sido um processo de criação vocabular produtiva. Dentro desse processo, destacam-se: substantivo-adjetivo: *-aceus, -iceus, -uceus; -inus: damninus=português: daninho; -anus: (aqua) fontana=francês: fontaine, it. fontana; adjetivo-substantivo: -itia: mollitia=português: moleza; francês: mollese; -itas: bonitate=português: bondade; italiano: bontà; verbo-substantivo: -alia: battualia=português: batalha; francês: bataille.*

O uso abundante da sufixação nominal enquadra-se na tendência do latim vulgar, que é preferir palavras “maiores”, obedecendo a uma preocupação de expressividade.

Na formação de verbos incoativos, têm-se os sufixos do latim clássico e os prefixos do latim vulgar: *-ulare: misculare=italiano: meschiare; francês: mêler; -icare: caballicare=italiano: cavalcare; português: cavalgar.* O uso desses sufixos na formação de verbos confirma que apenas a primeira conjugação e o tipo *-isco, -esco, -ire*, constituíram conjunções vivas em latim vulgar. Esse uso não resultou na criação de verbos novos, e sim na passagem à primeira conjugação os verbos que pertenciam a outras. Ex: *cantare*, feito sobre o supino

do verbo clássico *cano, canis, cantum, canere*.

A derivação imprópria é a passagem de palavras de uma classe morfológica a outra. Esse processo é freqüente em latim vulgar, principalmente com os substantivos que recebem adjetivos como *pauper*=português: pobre; gerundivos plurais neutros: *vivenda*= francês: *facienda*, português: *fazenda*; e com os adjetivos que recebem: participios passados: *excarpsus*=português: escasso; substantivos: *acetu*=português: azedo.

No entanto, deve ter sido através da derivação imprópria que vários sufixos formadores de adjetivos (tipo ou qualidade) passaram a formar substantivos, indicando lugar que se reserva para um determinado tipo de coisas ou animais.

Quanto à segunda descrição feita por Maurer (1962), a tendência que ocorre na mudança do significado, temos o seguinte pressuposto: as mudanças que o significado das palavras sofreram ao longo do tempo constituem o objeto de estudo da etimologia, disciplina altamente prestigiada desde o Humanismo até a primeira metade de nosso século.

Para finalizar o estudo do léxico do latim vulgar, Maurer (1962) apresenta um último aspecto que pode tê-lo influenciado: preferências e diferenças regionais. É possível admitir que uma língua falada num território amplo manifeste naturalmente diferenças regionais de vocabulário, sem perder a unidade, pois algumas dessas diferenças referentes ao vocabulário observado entre as línguas românicas de hoje já deviam estar presentes como referências regionais do latim vulgar falado durante o império.

Ainda segundo Maurer (1962), o latim clássico é o latim da velha aristocracia romana em sua forma escrita, mais estilizado, embora não rigidamente estático

e imutável. O latim vulgar é o latim falado pela classe popular, isto é, pela plebe em seu sentido mais lato, é uma variante simplificada do mesmo latim, esse latim é menos estático e invariável do que o da aristocracia.

CONCLUSÃO

Após as considerações feitas a respeito da convivência entre o latim vulgar e o latim literário, pode-se concluir que não devemos considerá-los como dialetos distintos da mesma língua, e sim perceber que a língua vulgar deveria se distinguir por maior simplicidade estrutural e por um léxico mais pobre, com numerosas peculiaridades. Portanto, o latim vulgar é o latim do falar do povo comum, enquanto o latim literário é um produto da sociedade aristocrática, sendo mais arcaizante e conservador que o latim vulgar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASSETO, Bruno Fregni. **Elementos da Filologia Românica**. São Paulo: ed. da Universidade de São Paulo, 2001.
- ILARI, Rodolfo. *Lingüística Românica*. São Paulo: Ática, 2ª ed., 1997. MAURER, Theodoro Henrique. *O problema do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.
- SILVA NETO, Serafim da. *História do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.

NOTA

© Trabalho desenvolvido na disciplina Técnicas de Pesquisa em Letras, sob orientação da professora Ms. Ana Rita Marchesan, pela aluna Catiane Mortari, do 5º semestre do Curso de Letras da UFSM.